

Pela Língua dissidente e por Corpos dançantes: Resistências De(s)coloniais do Quilombo dos Carrapatos¹

Vanessa Nogueira Paiva²
Walkyria Chagas da Silva Santos³
Célia Souza da Costa⁴

Resumo

O trabalho visa apresentar um breve estudo acerca do encontro da cultura africana (principalmente Banto) com a brasileira e a influência da expressividade, corporalidade e a língua do Quilombo dos Carrapatos da cidade de Bom Despacho – MG. Assim, com o objetivo de traçar uma relação entre de(s)colonialidade e o processo de resistência cultural da comunidade por aproximadamente 304 anos em meio a escravidão e subalternização. Será discorrido como a língua e as festas regionais (principalmente o congado) se tornaram meios de efetivação de resistências dessas existências. A metodologia utilizada é qualitativa do tipo estudo de caso e bibliográfica. A partir desse ponto, verificar-se-á como a língua tem uma influência direta no processo de identidade dessa comunidade e como a desobediência linguística deve ser enxergada como manifestação social que contraria os preconceitos concebidos pela população de Bom Despacho.

Palavras-Chave: Congado, Gira da Tabatinga; De(s)colonialidade; Quilombo; Minas Gerais

INTRODUÇÃO

*"Eu não tenho a letra. Eu tenho a palavra".
Dona Fiota⁵*

In Memoriam de Dona Sebastiana de Oxóssi e Sô Pedro⁶

¹ As primeiras discussões sobre a temática foram apresentadas no Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura - SEMLACult (2021).

² Estudante do curso de Direito pela FAEP - Faculdade de Educação de Patos de Minas - MG. Membro integrante do Laboratório de Ciências Criminais de Minas Gerais do IBCCRIM. Bolsista de Iniciação Científica no CLAEC. Integrante do Grupo de Estudos Processo Penal e Antirracismo do Observatório da Mentalidade Inquisitória. E-mail: paiva.vanessa@outlook.com.br

³ Professora do Curso de Direito da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Direito, da Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Mestra em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça e em Direito do Estado, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante do Grupo de Pesquisa MARÉ – Cultura Jurídica e Atlântico Negro (UnB). Integrante do Coletivo Dandaras (UFSB). Pesquisadora associada do Centro Latino-americano de Estudos em Cultura (CLAEC). Coordenadora do Grupo de Estudos De(s)colonizando mentes feministas em territórios Afrodiaspóricos: Construção coletiva de nova metodologia (CLAEC). E-mail: kyriachagas@yahoo.com.br

⁴ Doutora em Educação pela PUC/PR. Mestra em Direito Ambiental e Políticas Públicas. Professora do IFAP. Palestrante e Pesquisadora das comunidades do Maruanum (AP) e dos povos tradicionais da Amazônia. Coordenadora do Grupo de Estudos De(s)colonizando mentes feministas em territórios Afrodiaspóricos: Construção coletiva de nova metodologia (CLAEC). E-mail: celia.amapa@hotmail.com

⁵ Dona Fiota foi membra ativa da Comunidade Quilombo dos Carrapatos, foi autora de livros infantis, guardava a língua dos Negros da Costa e era uma das poucas pessoas que falava a língua até o momento de sua morte. Fonte: <https://www.bomdespacho.mg.gov.br/wp-content/uploads/2019/09/DONA-FIOTA.odt>

Para Gilberto Ananias Paiva⁷

Em um contexto onde rainhas e reis foram escravizadas(os) e vozes foram silenciadas através de castigos físicos e violência emocional/psicológica, correu a busca pela subalternização e a inferiorização de vidas negras. Corpos que habitavam uma terra de estranhos e que estavam tão longe de casa, elevavam suas existências através da necessidade de ressignificar a sua história, manifestada através da luta para existir, da resistência religiosa, da corporalidade e de sua língua.

Essa realidade tomou conta de diversas regiões do Brasil após a invasão dos portugueses, também se fez presente no interior de Minas Gerais. Em busca de um lugar em que fosse possível existir, ter sua vida assegurada e não ser subjugada(o) pela sociedade, muitas(os) negras(os) libertas(os) e “fugidas(os)” organizaram comunidade em que a sua humanidade fosse reconhecida, e assim foram formados ao longo das terras brasileiras os quilombos. Para Gomes (2020) os quilombos são espaços de luta por liberdade e igualdade desde o tempo da política escravista que, no pós-abolição continua a buscar cidadania, acesso à terra e outros direitos, por meio de um movimento de (re)existência negra.

E nesse contexto tivemos o surgimento do Quilombo dos Carrapatos, no interior de Minas Gerais, próximo de uma das maiores rotas de escravidão. Localizado próximo a Pitangui-MG, por mais de 300 anos, uma comunidade quilombola influenciada por sua ascendência africana resistiu na região periférica da Tabatinga, na cidade de Bom Despacho-MG.

A própria formação geográfica, cultural e histórica de Bom Despacho – MG dão indícios que a cidade tenha sido primeiramente um quilombo, já que a Região da Tabatinga se localiza num centro urbano. Muitas são as histórias e memórias sobre a Gira da Tabatinga ou do Congado, da Festa do Rosário e de São Benedito, mostras claras de uma herança africana que emanam da resistência de um povo.

A Gira da Tabatinga popularmente conhecida como Língua dos Negros da Costa⁸, assim como a congada e as demais formas de manifestações culturais são representações vivas da comunidade do Quilombo dos Carrapatos. Esses patrimônios culturais inserem os

⁶Sebastiana Geralda Ribeiro da Silva conhecida como Dona Sebastiana foi mulher negra quilombola, zeladora de santo, filha de São Sebastião e de Orixá Oxóssi, Ex-Capitã de Moçambique, mãe e avó. Já Sô Pedro chamado Pedro Paiva de Oliveira foi folião, seresteiro, catireiro, lavrador, devoto de Nossa Senhora do Rosário, pai e avó.

⁷ Gilberto cresceu e viveu boa parte de sua infância na Tabatinga, atualmente é militar aposentado, graduado em Filosofia, pai amado por Andressa e Vanessa

⁸ Língua dos Negros da Costa é o nome trazido por Sônia de Queiroz (1998) em “Pé Preto no Barro Branco” para definir a Língua ou Gira da Tabatinga a partir de seus estudos e origens da língua.

indivíduos em um contexto de resistência e existência, perante as tentativas de colonização dos saberes, corpos e falas.

Essas manifestações populares, culturais e religiosas, representam a materialização do encontro entre a África e o Brasil, transformando-se e constituindo-se em uma identidade Afro-brasileira. A partir desse panorama e de uma história colonizada, o pensamento decolonial visa desconstruir parâmetros europeus oriundos do colonialismo, trazendo enfrentamentos através de inúmeras lutas que atravessam o cotidiano. Por isso, o debate decolonial é tão importante para a análise que será apresentada no texto.

Apesar da recente utilização da denominação de(s)colonial, as(os) negras(os) que resistiram, empreenderam lutas, sejam armadas, sejam através da busca de alforria, sejam no escrito de manifestos, estavam realizando o giro decolonial (BERNARDINO-COSTA *et al*, 2018), realizando o debate a partir de suas dores em busca de um mundo menos desigual, em que ser negra(o) não significasse “risco constante de morte”.

Para desenvolvimento do texto, além da introdução, constam mais quatro itens, são eles: questões metodológicas, em que apresentamos o percursos construtivo com o uso do estudo de caso e de aportes bibliográficos; no item seguinte, “De(s)colonialidade: Conceitos e Epistemologias”, abordaremos um debate acerca das distinções e contribuições das teorias decolonial e descolonial; em ato contínuo, no item três “Pela Memória de uma Língua Dissidente” serão destacados estudos sobre a Língua do Negros da Costa e sua função; no quarto item “Resistências Femininas no Quilombo dos Carrapatos”, apresentaremos, brevemente, a vida e obra de Sebastiana de Oxóssi e Sandra Maria da Silva; e por fim, serão apresentadas as Considerações Finais.

1 QUESTÕES METODOLÓGICAS

Em primeiro lugar, cabe destacar que, este artigo é dedicado a todas(os) as(os) moradoras(es) que residem e/ou residiram na região da Tabatinga em Bom Despacho que fizeram e fazem parte ativamente da comunidade local, bem como, àqueles que já não falam a Língua dos Negros da Costa, aos que se foram, aos que lutam e aos que lutaram, aos que deixaram história e principalmente àqueles que não são vistos com equidade. Enfim a todas(os) que mantêm a Festa do Reinado como o culto maior as suas tradições, raízes e a memória viva de quem um dia falou a Língua da Tabatinga.

A Tabatinga foi por muitos anos destino certo das férias de final de ano e/ou de julho a agosto na infância de uma das escritoras⁹ desse artigo. Seu Pedro¹⁰ e Dona Dalila¹¹ viveram na casa pintada na cor de areia com portão azul que ficava na esquina entre a Av. Ana Rosa e a R. Oriente por várias décadas. Hoje, tudo que aquela casa representa a memória dos tempos de infância. Lá, pai, tias, tios, primas e primos brincavam, corriam e cresciam. As travessuras, as histórias e as molecagens sempre lembradas no grupo da família, em tardes de encontro regadas a café na Tia Luzia ou nas festas de fevereiro com a galinha caipira no domingo. A Tabatinga é parte apenas de uma história de várias memórias vividas, ora boas, ora extraordinárias, ora tristes pelas dificuldades enfrentadas. Visitar Bom Despacho é manter viva parte da história, das tradições e dos laços que mantêm os Paiva da Tabatinga unidos.

Além da motivação familiar e afetiva, há a motivação de evidenciar a história daquelas(es), ora excluídas(os) e ora esquecidas(os) resignificando sua história. Viver na Tabatinga, dizendo: “sim! Moro na Tabatinga e não no Bairro Ana Rosa”, porque a mudança do nome do bairro para Ana Rosa, é uma tentativa de apagamento de toda uma luta, de toda uma história em que o estigma, o racismo e a pobreza estão sempre presentes, em que o controle social é ainda mais severo em virtude da reminiscência do colonialismo paternalista.

No ano de 2020, a partir do “Grupo de Estudos De(s)colonizando mentes feministas em territórios Afrodiaspóricos: construção coletiva de nova metodologia” do Centro Latino-americano de Estudos em Cultura (CLAEC), coordenado pelas outras duas autoras¹² do texto surgiu o interesse em escrever sobre o Quilombo dos Carrapatos e suas representações femininas. Eis que as três mãos se unem agora para escrever o presente texto.

Deste modo, a metodologia utilizada na pesquisa busca a satisfação intelectual por conhecimento e por reconhecimento aos direitos, não só dessa comunidade que influencia a cultura local da cidade de Bom Despacho. Toda a abordagem desta pesquisa foi qualitativa. A pesquisa é também exploratória por buscar conhecer e compreender a corporalidade do Congado e da língua, como um movimento antropológico transgressor da branquitude, que permeia a realidade daquela comunidade através das pesquisas de Queiroz¹³ (1998 e 2018) e Brasileiro (2020)¹⁴.

⁹A Tabatinga fez parte da História de Vanessa Nogueira Paiva e seus familiares.

¹⁰Avô de Vanessa Nogueira Paiva.

¹¹Avó de Vanessa Nogueira Paiva.

¹²Walkyria Chagas da Silva Santos e Célia Souza da Costa.

¹³Pesquisa sobre a Língua do Negros da Costa

¹⁴Pesquisa sobre as Congadas.

Trata-se também de um estudo de caso, por retratar um território específico (Tabatinga em Bom Despacho). O estudo de caso é “caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir seu conhecimento amplo e detalhado [...] com o propósito de explorar situações da vida real [...]” (GIL. 2019, p.57,58). Nossos olhares estavam voltados para essa realidade que foi problematizada a partir do arcabouço teórico reflexivo.

A pesquisa é bibliográfica, pois através da revisão de artigos científicos e livros é demonstrado como esse aspecto de(s)colonial está presente. A partir desse ponto de partida foram tecidos argumentos e fatos que evidenciam a influência descolonizadora e decolonizadora, tanto da história quanto nos sujeitos históricos. Os indivíduos apresentam papel fundamental para que aspectos fossem modificados no cenário deste Quilombo urbano localizado no Bairro da Tabatinga, atualmente denominado pelo poder público de Bairro Ana Rosa, cuja luta é marcada pela presença de uma forte liderança feminina, em busca principalmente da promoção e reivindicação de igualdade social e racial.

As abordagens decoloniais e descoloniais se colocam diante a estruturas de opressão como a própria branquitude¹⁵ descrita por Kilomba (2010, p. 172) que “representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos(as) chamados(as) ‘Outros(as)’”. A partir dessa leitura, bem como de toda subversão dela originada, pode-se refletir acerca de como o colonialismo exerceu e exerce grande influência social e cultural. Assim, a decolonialidade busca transcender, enquanto que a descolonialidade superar. Este artigo demonstrará como a Gira da Tabatinga na verdade foi um símbolo de resistência, mas acima de tudo de sobrevivência, assim como a corporalidade do Congado simboliza a celebração, a expressão de alegrias e tristezas.

2 DE(S)COLONIALIDADE: CONCEITOS E EPISTEMOLOGIAS

A lógica da descolonização é voltada para dissolução e desconstrução de um período histórico, que nos dizeres de Fanon (1965, p.26) “não passa despercebida e modifica inteiramente o ser”, introduz o conceito e uma nova roupagem de uma visão antes colonizada,

¹⁵Para Grada Kilomba (2010, pág.175) “Toni Morrison (1992) usa a expressão “dessemelhança”, para descrever a “branquitude” como uma identidade dependente, que existe através da exploração do ‘Outro’, uma identidade relacional construída por brancos(as), definindo-os(as) mesmos(as) como racialmente diferentes dos ‘Outros’. Isto é, a Negritude serve como forma primária de alteridade, pela qual a branquitude é construída. O ‘Outro’ não é outro per se; ele/ela torna-se tal através de um processo de absoluta negação.”

resulta também num processo de libertação do homem por lhe retirar as amarras e as mordidas que lhe aprisionam. Assim,

A descolonização, que se propõe mudar a ordem do mundo é, como se vê, um programa de desordem absoluta. [...]A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas que extraem precisamente a sua originalidade dessa espécie de substância que segrega e alimenta a situação colonial (FANON 1965, p.30-31).

A decolonialidade por sua vez adentra na possibilidade de se analisar o mundo transcendendo historicamente a colonialidade, sua abordagem é mais profunda do poder colonial e da modernidade que perpetua e opera nos dias de hoje as matrizes do poder. De acordo com Gissele Leal Bertagnolli,

Quijano (2005) desenvolve o conceito de colonialidade e dialogando com a tradição marxista, procura uma interpretação epistemológica da dominação do Norte global sobre o Sul, aqui considerado como América Latina. A colonialidade é constitutiva do poder capitalista, operando, quer nos domínios da vida social, quer nos âmbitos da subjetividade e intersubjetividade, por meio de instrumentos de coerção, tendo em vista a reprodução e perpetuação das relações sociais de dominação (BERTAGNOLLI, 2015, p. 232).

Não se pode confundir os dois conceitos, apesar de muitas vezes a descolonização ser usado para definir a decolonialidade, pois como disse Bernardino-Costa *et al.* (2020, p. 36), “a descolonização faz menção aos momentos históricos em que os indivíduos insurgem contra seus ex-impérios, reivindicando independência, enquanto que a decolonialidade faz uma referência à lógica da colonialidade quanto a seus efeitos”.

Constantemente o conceito de colonialismo também é confundido com colonialidade, contudo o colonialismo é muito mais antigo que colonialidade como afirma Quijano (2005), mas ao considerar os últimos 500 anos a colonialidade tem se mostrado mais duradoura que o colonialismo, mas ela foi forjada dentro deste. Para melhor compreensão, Rezende (2014) faz a seguinte distinção,

Eduardo Restrepo e Axel Rojas explicam que, da mesma forma que é preciso fazer uma distinção analítica entre colonialismo e colonialidade, não se deve também confundir descolonização com decolonialidade. Por descolonização entende-se o processo de superação do colonialismo, geralmente associado às lutas anticoloniais no marco dos Estados que resultaram na independência política das antigas colônias. A decolonialidade refere-se ao processo que busca transcender historicamente a colonialidade e, de acordo com estes autores, supõe um projeto com um projeto mais profundo e uma tarefa (REZENDE, 2014, p.52).

A partir dos conceitos apresentados e das distinções realizadas, a narrativa que delinea a realidade quilombola, a ascendência afrodiáspórica e as epistemologias descoloniais e decoloniais devem partir do contexto que essas comunidades se insurgem contra a

dominação através de relações emancipatórias, e em resistência aos processos que geram a desigualdade social.

Nesse mesmo sentido, Luciana Ballestrin (2013) diferenciou o conceito de decolonidade e descolonidade, afirmando que há distinção quanto a decolonialidade de outros movimentos pós-coloniais. Vale também informar que ambos movimentos teóricos buscam debater/combater a opressão e a desumanização dos corpos. Os decoloniais tem maior diálogo com a questão de gênero e começam aproximação com a questão racial. Luciana Ballestrin (2013) relata em seu texto que,

Trata-se da sugestão feita por Catherine Walsh para a utilização da expressão “decolonização” – com ou sem hífen – e não “descolonização” (Mignolo, 2008, 2010). A supressão da letra “s” marcaria a distinção entre o projeto decolonial do Grupo Modernidade/Colonialidade e a ideia histórica de descolonização, via libertação nacional durante a Guerra Fria. Além disso, insere-se em outra genealogia de pensamento, sendo o constitutivo diferencial do M/C, reivindicado por Mignolo: O projeto des-colonial difere também do projeto pós-colonial (...). A teoria pós-colonial ou os estudos pós-coloniais estão entre a teoria crítica da Europa (Foucault, Lacan y Derrida), sobre cujo pensamento se construiu a teoria pós-colonial e/ou estudos pós-coloniais, e as experiências da elite intelectual nas ex-colônias inglesas na Ásia e África do Norte (Mignolo, 2010, p. 19). Basicamente, a decolonização é um diagnóstico e um prognóstico afastado e não reivindicado pelo mainstream do pós-colonialismo, envolvendo diversas dimensões relacionadas com a colonialidade do ser, saber e poder. Ainda que assuma a influência do pós-colonialismo, o Grupo Modernidade/ Colonialidade recusa o pertencimento e a filiação a essa corrente (BALLESTRIN, 2013, p.108).

Para tanto, nos dizeres de Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018, p. 55) “a decolonialidade requer um compromisso com o corpo como algo aberto, como uma zona de contato, como uma ponte e zona de fronteira [...] Isso é parte do que Walter Mignolo tem se referido como corpo-política do conhecimento”. A noção de um conhecimento pautado no Sul e não no Norte eurocentrado, possibilita o combate de velhas hierarquias e o reconhecimento de um novo agir, um novo pensar afro-latino-americano, novas epistemologias. E sobre a temática Gissele Leal Bertagnolli, disserta que,

Pensamos ser possível encontrar em demais comunidades quilombolas outras epistemologias que fogem aos padrões dominantes, processos em construção, moldados a partir das necessidades. Mesmo que a maioria das comunidades quilombolas não tenham mais uma ligação direta com as práticas e saberes ancestrais, eles intitulam-se como descendentes de escravos que buscam as mesmas coisas que seus antepassados buscavam: dignidade, liberdade, direito a pertencer a um espaço seu (BERTAGNOLLI, 2015, p.239).

Neste sentido, a língua e a dança são duas das diversas representações culturais e símbolo de resistência do Quilombo dos Carrapatos que originam essa ruptura e reinvenção da

cultura, lembrando a cada passo (música, gesto e a palavra) a sua origem e ancestralidade africanas e isso caracteriza seu aspecto de(s)colonial. Em outras palavras, Souza (2018) *apud* Cunha (1987) evidencia que a cultura não é dada como algo urgente para o nosso presente de subversão do padrão de poder colonial (REZENDE, 2014) posto ou dilapidável, mas como algo que se reinventa constantemente, que se recompõem investidos em novos significados, portanto é algo dinâmico.

3 PELA MEMÓRIA DE UMA LÍNGUA DISSIDENTE

A linguagem como preceitua Rezende (2018) é a maneira de se participar ativamente da política em busca da promoção de justiça social, sendo a língua a forma de se localizar um ser no mundo. Por meio deste artigo, ficará demonstrado que a característica de desobediência e insurgência evidencia a capacidade de “guardar” as palavras ou ocultar sapientemente o significado delas.

A Língua dos Negros da Costa, além de ser uma manifestação que reflete a exclusão dos negros da sociedade em ambiente que representava (e ainda representa) a supremacia política do poder dos brancos, também era utilizada como um código para planejar as fugas e ocultar informações dos senhores de escravizados. Posteriormente, a “Gira da Tabatinga” foi subalternizada e vista como estigma de marginalização local na região de Bom Despacho, pois havia um preconceito por parte das pessoas em associar a língua à malandragem e à criminalidade, já que a localização da mesma estava concentrada na região pobre e periférica da cidade.

A autora Sônia Queiroz (1998) em “Pé Preto no Barro Branco” explica a origem da língua e como ela se constitui através do léxico africano e a gramática portuguesa, se repetindo a estrutura a cada semantemas vocabulares, ao passo que os semantemas são quase todos os africanos, enquanto os morfemas são portugueses. A língua possui essa variação que caracteriza o segredo das palavras, tornando-a compreensível somente àquele que fala, sem contar com a influência dos regionalismos que tornou a língua ainda mais difícil de ser compreendida.

Ainda segundo Queiroz (1998), a Língua do Negro da Costa constitui-se como um ritual, com uma inclinação clara à ocultação das palavras. Portanto, geralmente, a língua é utilizada em casos de confrontação com quem não a fala. A língua era estranha àqueles brancos, ricos e moradores do centro da cidade, detentores do poder e capital, era exatamente essa a razão de ser, não de excluir, mas de se subverter, já que esses permaneciam

invisibilizados. Afinal, eram negros, pobres, viviam na periferia de Bom Despacho e possuíam antepassados escravizados pelos ascendentes daqueles que viviam no centro da cidade, ou seja, esses últimos eram e são herdeiros do período colonial, e, a língua era o seu modo de opor àquela desigualdade que existia e que remontam ao período da escravidão.

Um ponto importante a ser considerado é que os falantes da língua a utilizavam principalmente por sobrevivência, como assevera Queiroz (2018, p. 99) “no passado ela era utilizada para ocultar aos senhores a fala dos negros escravos, quando planejavam uma fuga ou trocavam informações sobre, por exemplo, onde encontrar alimento”, pois eles passavam fome e através da língua podiam se comunicar sem serem descobertos. Essa condição que lhes foi imposta revela a mais contrastante realidade e desigualdade, apesar da língua ser falada na terra natal, no Brasil ela foi utilizada para resistir ao genocídio e a padronização.

Por essa razão, por tantas diferenças sociais o uso sapiente da língua era para confundir e para que os brancos não tenham acesso a linguagem. Como pode ser explicado por Sônia Queiroz (2018):

Em outras palavras, a Língua do Negro da Costa, em sua função de código secreto, coloca em pauta conflitos sociais que remontam ao período da escravidão e encontram continuidade hoje, no sistema de produção capitalista, que reserva aos descendentes dos antigos escravos o lugar não tão diverso de operários, subempregados ou desempregados (QUEIROZ, 2018, p. 98,99).

Então, mais tarde, com a abolição inconclusa da escravidão, a língua foi utilizada pelos descendentes desses escravizados. Cabe dizer que, a Língua dos Negros da Costa, Gira da Tabatinga ou Língua da Tabatinga passou a tomar contornos diferentes. A princípio, ela não era passada de pai para filho, e sim entre amigos dos 11 anos aos 20, mas também não só esses. Ela passou a interessar mais aos falantes, a língua marca “diferenças entre brancos e negros, atribuindo a esses últimos uma identidade enquanto grupo étnico-cultural”, como salienta Queiroz (2018, p.104).

Ao que se sabe, a língua já não é falada como antes, poucos remanescentes dominam a língua. Uma personagem muito importante para a cultura negra local, falante e difusora da língua veio a falecer em 2012, a “Dona Fiota” ou “Fiotinha” que deixou grande legado como uma coleção de livros didáticos denominados “Contando Saberes: Histórias de Dona Fiota” que contém 12 volumes¹⁶. Os seus livros são lúdicos e abordam a cultura negra e a Língua dos

¹⁶ Os 12 volumes são: Vol. 1 - "Apresentação"; Vol. 2 - "África"; Vol. 3 - "Afro-Brasil"; Vol. 4 - "Beabá da Dona Fiota"; Vol. 5 - "Famílias Africana e Afro-Brasileira"; Vol. 6 - "Histórias sobre Pluralidade e Diversidade"; Vol. 7 - "Histórias sobre Ancestralidade e Religião"; Vol. 8 - "Ritmos Africanos e Afro-Brasileiros"; Vol. 9 - "Preconceito Racial"; Vol. 10 - "Medicina de Tradição"; Vol. 11 - "Culinária Africana e Afro-Brasileira" e Vol. 12 - "Matrizes Culturais Africanas e Afro-Brasileiras". Fonte:

Negros da Costa. Através de seus relatos e histórias, pesquisas e livros sobre a Gira da Tabatinga foram realizados, pois ela tinha aprendido as histórias e língua com sua mãe que tinha sido escravizada.

A concepção de(s)colonizante é uma opção ao enfrentamento eurocêntrico de concepções linguísticas hierarquizantes. A desobediência tem um papel importante para poder remover os marcos do poder colonial e patriarcal. De acordo com Daniel Marra da Silva e Tânia Ferreira Rezende,

A noção de desobediência está contida em e implica a noção de obediência, além de evocar o enfrentamento a normas, regras e leis. Trata-se de uma construção conceitual no bojo de um quadro sócio-político conflituoso: a construção de uma teoria sociolinguística, ancorada nos Direitos Humanos e no enfrentamento a um Estado de direitos regulatório (SILVA e REZENDE, 2018, p. 175).

Nesse contexto, ainda é possível afirmar quanto à de(s)colonialidade da língua está baseada no “pressuposto da construção da não-existência, o enfrentamento do padrão linguístico escrito da língua de cultura é parte da opção decolonial, e tem o propósito de produzir, politicamente, a existência dos corpos “inexistentes” (SILVA e REZENDE, 2018, p.182).

Enfim, a Gira da Tabatinga pode ser analisada sob um viés de importância histórica da resistência não só linguística, mas social, pois abrange desobediência e quebra de parâmetros de controle e autoridade. A Língua dos Negros da Costa se mostra vital na construção da “identidade Sul” e de(s)colonial, justamente por se apresentar como contraposição ao sistema imposto e utilizar a ferramenta de comunicação básica como a linguagem, para insubordinar-se às formas de saberes hierarquizados.

3.1. POR CORPOS QUE DANÇAM

Outra manifestação característica da região, é a Congada e suas Cortes de Reinado, que acontecem a aproximadamente 154 anos em Bom Despacho-MG. Essa manifestação cultural e religiosa acontece durante a Festa da Nossa Senhora do Rosário e até o ano de 2016 contava com 21 congos locais¹⁷ ocorre geralmente no mês de agosto, como afirma Sgoti

<https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/o-ensino-ludico-da-africa-1.255766> - Acesso em 17 de maio de 2021

¹⁷ Para Sgoti (2016, p. 72) “Segundo o historiador Jeremias Brasileiro (2012) o Congado vem do termo congo, que significa congar, dançar. É uma memória que vem com os escravizados do antigo Reino do Congo, na África Central, com a essência de festejar algum momento. Naquela época era comum eles celebrarem através da dança

(2016) durante o período de 9 (nove) dias, onde toda a comunidade é mobilizada e movimentada para os preparativos da festa. Em sua dissertação Sheila dos Santos Silva (2020) colheu o depoimento de Dona Tiana sobre a origem da Festa de Nossa Senhora do Rosário:

Pois então minha filha. Vou te contar porque que essa Festa é do meu povo. A história começa numa fazenda de um homem muito poderoso, muito rico. Ele tinha muitos escravos e judiava muito deles. Um dia adoeceu sua única filha e ele desesperou. Busca médico daqui, busca médico dali e nada. E no meio desse problema some uma vaca do curral de muita estimação desse senhor. Ele pôs os negros tudo pra procurar e nada. Andaram mais de mês atrás da vaca e a filha do fazendeiro só piorando. Com muito custo um dos negros pediu licença pro fazendeiro e disse: “senhor nós já rodeamos as terras tudo só falta aquela gruta lá do alto, difícil de chegar, cheia de pedra, de água escorrendo, de samambaia, mas nós achamos que a vaca está lá”. O fazendeiro então deixou os negros irem até lá. Não foi fácil, mas quando eles chegaram, viram a vaca lá na porta da gruta, paradinha. Chegaram perto e viram Nossa Senhora em cima de uma pedra na porta da gruta. Os negros voltaram correndo e avisaram o fazendeiro: “olha, meu senhor, achamos a vaca. Ela está na porta da gruta olhando pra Santa e a Santa tem um Rosário na mão”. O fazendeiro duvidou, mas como queria curar sua filha e salvar a vaca, pediu que os negros construíssem rapidamente um altar e uma capela para colocar a Santa. Enfeitou a fazenda, chamou banda de música, chamou tudo quanto há e foi com eles buscar a Santa. Pegaram ela e trouxeram pra capela. Quando foi no outro dia...abriram a capela e cadê a Santa? Nada... e o fazendeiro mandou o feitor bater nos negros, judiou muito deles achando que eles tinham roubado a Santa. E a filha dele só no morre não morre... Foi então que um dos negros pediu licença pro fazendeiro e pediu para ir buscar a Santa de novo. E o fazendeiro avisou: “mas eu fiz de tudo para essa Santa, tudo do bom e do melhor e ela não quis e agora você e essa negrada suja, fedorenta, estão me falando que conseguem trazer ela de volta. “Pode ir, mas se não trazer ela, eu mando matar vocês todos”. Mas o senzala, falou com todo mundo. Vó Conga pegou um pedacinho de pau, foi talhando ele até que virou uma coroa, arrumou umas latinhas, amarrou na canela de uns filhos, deu as caixas na mão de outros e mandou eles subirem pra gruta atrás da Santa. Quando eles chegaram lá, a vaca arredou pro lado e eles chegaram mais perto cantando... “nóis veio de muito longe...mas nós viemo com muita fé...nóis viemo buscá nossa mãe...que é fia de Nazaré!” E a Santa veio flutuando até eles. E eles foram voltando de costas, olhando e cantando pra Santa. E ela flutuando, vindo com eles. Aí apareceu um tanto de índio abrindo os caminhos, quebrando os matos pra deixar a Santa passar. E ela veio sem ninguém pôr a mão nela. E a vaca passou na frente do cortejo, chegou na fazenda e foi pro curral. E os negros foram chegando, cantando bonito, trazendo a Santa pra dentro da capela. Quando o fazendeiro viu aquela beleza, percebeu que a filha dele estava lá dentro, louvando a Santa, boazinha da Silva. Aí, ele agradecido aos negros, desmanchou a senzala, começou a tratar bem os negros, autorizou que cada família construísse sua casinha e a filha dele fez festa todo ano pra Santa. Lá virou uma comunidade de negro liberto. Agora você já pensou. O negro foi corajoso, porque o fazendeiro am9eaçou ele, mas mesmo assim ele com muita fé foi buscar a Santa. Ele tinha certeza e ia trazê-la de volta. Por isso os fundamentos do Reinado são o Massambique que é pé de Coroa e representa os negros escravizados, os Penachos que abrem os caminhos, representando os índios e os Marinheiros que vão na frente guiando o cortejo, representando os marinheiros do navio negreiro. No meio vão os Congos, cantando e dançando (informação verbal, entrevista concedida por Mãe Tiana a Karla Tereza Ocelli Costa, 2017) *apud* (SILVA, 2020, p. 136-137).

o nascimento de um príncipe, uma boa colheita e visitas de pessoas de outras províncias, por exemplo”. No sentido que se propõe o texto o congo remete a ideia de um grupo de festejo.

Apesar de a festa ser popularmente católica, nem sempre foi assim. Segundo Queiroz (1998), nos primórdios a festa era considerada pagã, pois tinha como parte, o feitiço, a cachaçada, e a Igreja Católica a condenava. De acordo com que foi exposto por Sônia Queiroz (2018, p. 48) “Dunga relata muitos casos de feitiçaria entre os congadeiros, alguns em que ele mesmo é objeto de feitiço, e cita o próprio avô, Amadeu Pontes, como ‘moambeiro respeitado’”. Somente depois, é que se tornou atrativa devido aos lucros e rendimentos arrecadados pelo Congado e de acordo com Sônia Queiroz (2018, p.48) “A fundação da Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Pretos já em princípios do século XIX é mais uma evidência da participação significativa do negro na história de Bom Despacho.”.

Com efeito, percebe-se que apesar da festa ter elementos católicos, como a reza, a missa e também a devoção a Nossa Senhora do Rosário, sua constituição e elementos culturais têm raiz africana, sendo que essa raiz está presente desde as práticas até as corporalidades dos congadeiros. A herança afrodiáspórica mostra que para compreender o Congado é necessário observar todo simbolismo que envolve e une aquela comunidade através da permanência e a experiência de um sentimento de pertencimento.

Nesse sentido Souza (2018), demonstrou que a cultura assim como as identidades e o pertencimento alimentados por ela, nada mais são que produções que resultam da interação, bem como dos processos de criação oriundos da experiência humana. Nessa medida, verifica-se que a tradição e as experiências dos congadeiros em contato com outras experiências, consolidam uma nova tradição. Assim como ocorre com a língua, por exemplo, os elementos externos que influenciam na composição e na construção do dialeto próprio, essas são, na verdade, referências que colaboram para a edificação de um conceito coletivo.

De acordo com os estudos realizados por Jeremias Brasileiro (2020), as identidades congadeiras e afro-brasileiras de ascendência africana tem uma passagem pelo ser sagrado e também pela religiosidade e remetem a lembrança e presenças dos negros seja nos rituais ou nas vivências. Brasileiro (2020, p. 66) ainda acrescenta que essa lógica está presente em terreiros de Candomblés, “onde se tem essa percepção de africanidade mais presente e, por isso, Congada, Quilombo e o Sagrado estão em diálogo permanente, nem sempre visível, evidenciado, porém, o tempo todo vivo”.

Portanto, a partir dessas memórias há o impulso da experiência única, capaz de ser traduzida por quem presencia e dança, por quem se desprende dos conceitos colonizantes e pode expurgar essa opressão física e social. Assim, em relação ao Congado, mesmo com a influência religiosa católica e africana, a dança, o canto e corporalidade advinda da matriz africana permanece presente, e que com esse contato com o outro se fundiu, a partir da

resistência do povo negro, dando origem a outra identidade, adquirindo uma nova “roupagem”.

4. RESISTÊNCIAS FEMININAS NO/DO QUILOMBO DOS CARRAPATOS: O LEGADO DA FILHA DE SÃO SEBASTIÃO

Mulher negra, Filha de Oxóssi (São Sebastião), benzedeira, quilombola, umbandista, Capitã da Guarda de Moçambique¹⁸, mãe, avó e bisavó. Sebastiana Geralda Ribeiro da Silva, mais conhecida como Dona Tiana foi gerada por Maria Imaculada Ribeiro e de José Domingos Ribeiro, saiu ainda jovem da região de Bom Sucesso – MG com seu esposo para a Região de Bom Despacho – MG, precisamente o bairro da Tabatinga. Faleceu em 2019, deixou um enorme legado, saudades nas filhas (os), netas (os) e bisnetas (os), marcou historicamente a cidade de Bom Despacho – MG, deixou sua marca no mundo como quem lutou para reduzir a desigualdade racial e social. Participou ativamente das Festas de Reinado, inclusive durante sua trajetória, ela fala no documentário “*Filha de São Sebastião*”, que tentaram bani-la porque “*mulher não podia comandar Moçambique*”, não conseguiram impedi-la de o fazer, pois ela, nunca se submeteu.

Uma mulher que criou uma redoma de impermeável força que a fez sobreviver a sociedade a seu redor, uma grande líder, mãe de outras grandes líderes e também uma grande mãe para todos, mestra de saberes e conhecimentos tradicionais. Assim como outras mulheres intelectuais e acadêmicas de seu tempo, que contestaram contra as opressões sofridas por mulheres negras, a exemplo de Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, Dona Tiana foi moldada pela vida, seu conhecimento transcende os bancos de faculdade e até mesmo o que está escrito nos livros.

Nesse sentido, deve-se pensar que as(os) mestras(es) tradicionais são intelectuais negras(os) que reivindicaram e reivindicam seus direitos, e reconheceram e reconhecem os parâmetros coloniais em suas lutas diárias, desconstruindo o mito colonial como afirma Nilma Lino Gomes no texto “O Movimento Negro e a Intelectualidade Negra descolonizando os currículos”. Assim,

As ativistas, os ativistas negros e a intelectualidade negra brasileira, principalmente a geração cujas demandas, reivindicações, práticas e produção teórica se tornaram mais públicas a partir dos anos 1960, já realizavam um processo de descolonização dos currículos. Há muito o Movimento Negro e os intelectuais negros, por meio das

¹⁸ A Guarda de Moçambique é um papel atribuído geralmente aos homens, Dona Sebastiana no entanto foi sagrada Capitã mesmo com preconceito contra a ocupação desse espaço por ela ser mulher - https://www.cedefes.org.br/projetos_realizados-13/

suas práticas e de diversas formas de organização afirmativas, identificam a presença da colonialidade nos padrões de poder, de trabalho e de conhecimento no Brasil (GOMES, 2018, p. 268).

A esse molde de conhecimento que fundamenta o saber tradicional têm-se as palavras Hartmann et al, já que “[...] a percepção geral é de que a vivência direta com os mestres permite que se repensem as formas hegemônicas de construção de conhecimento” (HARTMANN, 2019, p.27). Portanto, Dona Tiana foi uma mestra naquilo que se propôs a fazer e a realizar.

Dona Tiana, e também sua filha Sandra, não se consideravam feministas como muitas mulheres quilombolas não se consideram de acordo com a obra “Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras”. Como a ideia de povo era mais forte e as suas maiores demandas eram por sobrevivência, pensava em toda uma comunidade que estava inserida, como uma grande matriarca. Nesse sentido entende Lélia Gonzalez,

Quando nos reportamos às amefricanas da chamada América Latina e do Brasil em particular, nossa percepção descobre uma grande resistência ao feminismo. É como se ele fosse algo muito estranho para elas. Herdeiras de uma outra cultura ancestral, cuja dinâmica histórica revela a diferença pelo viés das desigualdades raciais, elas, de certa forma, sabem mais de mulheridade do que feminilidade, de mulherismo do que feminismo. Sem contar que sabem mais de solidariedade do que de competição, de coletivismo do que de individualismo. Nesse contexto, há muito o que aprender (e refletir) com essas mulheres negras que, do abismo do seu anonimato, têm dado provas eloquentes de sabedoria (GONGALEZ, 2020, p. 269).

Quanto ao aspecto religioso inerente a pessoa de Mãe Tiana de Oxóssi, a sua crença estava cercada de interculturalidade, sua raiz africana estava entranhada de referências brasileiras e as referências brasileiras entranhadas da raiz africana, como ora menciona ser espírita e possuir um Centro dentro de sua antiga residência, ora por cultuar umbanda e ser conhecida por ser Zeladora de Santo, ora o catolicismo como filha de São Sebastião e por participar das Cortes de Reinado. Deste modo, percebe-se que essa conexão da religião praticada por ela com a cultura africana reflete a filosofia intercultural proposta Fornet-Bentacourt (1994), a construção de uma história pautada na diversidade cultural dos povos latino-americanos.

Como mulher que rompeu com os padrões previamente estabelecidos pela sociedade elitista e branca, para poder construir a partir de sua visão uma nova perspectiva, e assim, lutou pelo reconhecimento e liderou o Quilombo Urbano dos Carrapatos em Bom Despacho – MG até sua partida. Seu legado, a sua semente germinou e continua a crescer pelos braços e liderança de sua filha Sandra Maria da Silva, que continua a luta de sua mãe.

4.1 A LUTA CONTINUA

Em “Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas” (2020), as autoras Ana Carolina Araújo Fernandes e Sandra Maria da Silva Andrade do capítulo “Eu sempre fui atrevida: alguns movimentos de uma filha de Xangô na luta quilombola”, retratam a experiência de Sandra Maria da Silva Andrade como uma mulher quilombola no séc. XXI, como filha de Xangô, filha do fogo e da Justiça¹⁹.

Sandra é uma mulher que não se deixa silenciar pelas forças epistêmicas de controle social eurocentradas, ela as combate, bate de frente, apesar de não ter considerado antes de 2012 participar de lideranças quilombolas²⁰. As rotulações que a sociedade tenta impor, tais como: mulher pobre, periférica, negra e umbandista ²¹ compõe a filha de Xangô, ou seja,

Esses elementos - mulher, negra, quilombola, periférica, umbandista - são constitutivos da identidade e da personalidade da protagonista. São camadas de identidade que a própria sangra enxerga em si, e pelas quais ela é vista socialmente, E foi percebendo-se pelas quais ela é vista socialmente, E foi percebendo-se e sendo percebida na sociedade a partir de uma ou mais dessas categorias combinadas que Sandra foi construindo sua identidade e postura no mundo (ANDRADE e FERNANDES, 2020, p.99).

Entre Dona Sebastiana e suas filhas, Ana Carolina Fernandes (2020) garante que a rebeldia é vista como poder, se portar de forma ativa e avessa às desigualdades é o legado de Dona Sebastiana em vida, não só para seus familiares, mas para muitos membros da Tabatinga. Esta é uma forma de se impor diante de todas as desigualdades que transpõe no caminho dos membros da comunidade. As mulheres do Quilombo da Tabatinga ao se contraporem ao sistema de opressões revelam a verdadeira força, que apesar de necessária é também uma reação ao que lhe é posto como estático. De acordo com Sandra Maria da Silva Andrade e Ana Carolina Araújo Fernandes,

Ao se colocarem como atrevidas ou revoltadas, as mulheres do Quilombo da Tabatinga evidenciam a existência de desigualdades e opressões sociais. E esse

¹⁹Como é retratado na Dissertação de Ana Carolina Araújo Fernandes (2017) nominada “Do fogo e da justiça: Sandra Maria da Silva Andrade, movimentos de uma filha de Xangô na luta Quilombola” sobre a vida de Sandra Maria da Silva e, no capítulo escrito por Andrade e Fernandes (2020,p.99) “Ela é filha de Xangô, vinculação esta que, entre muitas outras coisas, lhe confere uma personalidade firme e até meio belicosa.”

²⁰De acordo com Fernandes (2017, p..74) “Até o início dos anos 2000, Sandra Maria Andrade não considerava a possibilidade de virar uma liderança comunitária como sua mãe.”

²¹Nas palavras de Andrade e Fernandes (2020, p. 98-99) “Além disso Sandra faz parte de uma classe social rotulada genericamente como pobre, pois possui uma renda econômica modesta. Essa condição a levou a morar, em toda sua trajetória de vida, em lugares periféricos [...] Além desses fatores elencados, é preciso ressaltar que Sandra também é umbandista. Faz parte de uma comunidade baseada em valores afro-religiosos, nasceu nesta religião e em nenhum momento considerou a pertencer a outra”

atrevisamento e revolta não são simplesmente características de suas personalidades, são reações (ANDRADE e FERNANDES, 2020, p. 103).

Enquanto mulher que integra a luta quilombola e perpetua o legado de sua mãe, Sandra em movimento junto a seu Orixá Xangô, Orixá que permanece “fogo e que transmuta as coisas é vivo em Sandra e em seus movimentos pelo mundo, questionando injustiças e construindo realidades dignas para seu povo quilombola” (ANDRADE e FERNANDES, 2020, p.112).

Por fim, para ilustrar tudo que já foi discutido aqui sobre as manifestações culturais, políticas e sociais, e religiosidade do Quilombo dos Carrapatos, é possível compreender e entender a importância da citação de Mbembe (2019) quando se referiu ao futuro como possibilidade de representação de tradições que se deem através da ilustração manifesta em meio a história da humanidade. Ao passado e ao futuro, que sejam pontes para acabar com a dominação do Sul pelo Norte, do periférico pelo rico e amefricoladino²² pelo eurocêntrico.

CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUAR A REFLEXÃO

Esse artigo visou demonstrar como a Congada e a Língua dos Negros da Costa são experiências de(s)coloniais enquanto vivências insurgentes que renegam a condição imposta pela realidade colonizadora. Na medida em que a Língua dos Negros da Costa e o Congado se manifestam por esses corpos negros que falam e dançam, se opondo, a redução dessas existências a aspectos dominantes.

Esses patrimônios culturais oriundos da matriz africana que se manifestam na corporalidade das Congadas e na prática da Língua dos Negros da Costa vivenciadas no quilombo dos Carrapatos é uma demonstração significativa de desobediência epistêmica. Para (re)existir com a sua tradicionalidade essa comunidade vive as suas tradições, cumprindo na prática essa desobediência epistêmica. Isso significa que, esses fazeres culturais se opõem à modernidade e aos padrões eurocêntricos difundidos secularmente (MIGNOLO, 2008).

Para além da desobediência epistêmica, os envolvidos nas festividades das Congadas e os falantes da Língua dos Negros da Costa desencadeiam outro aspecto fundamental na

²² Lélia Gonzalez (2020), em seus escritos faz referência a América como amefrica ladina trazendo discussões sobre o legado ancestral africano em nosso território. Gonzalez (2020,p.20) diz que o pensamento feminista afro-latino-americano “é fruto da combinação do caráter multirracial e pluricultural das sociedades da região, elaborada na amefricanidade, introduzindo a perspectiva de gênero. A situação das mulheres amefricanas resulta de processos históricos e contemporâneos de opressões interseccionais”.

de(s)colonialidade denominada como identidade em política. “A identidade em política é crucial para a opção descolonial” (MIGNOLO, 2008, p.289), ela se dá por meio de uma desconstrução de teorias políticas e de ações naturalizadas pela inserção da noção de raça e pelo discurso imperialista. Em cada ato cultural anticolonial, essa identidade é firmada, fortalecida, marcada na materialidade e na imaterialidade.

Por outro lado, o fato de possuírem elementos pertencentes à matriz cristã/católica não diminui a importância do movimento de resistência da religiosidade, da cultura, da história, da celebração, do culto e das formas de expressão que relembram, rememoraram e reinventam suas raízes africanas por meio dessas representações afrodiaspóricas. É uma estratégia possível, porém convém lembrar que de acordo com a crítica de Abdias do Nascimento, o discurso do sincretismo religioso exerceu uma função fortalecedora do mito da democracia racial. Isso se deu com a imagem de que as religiões africanas ao chegarem no Brasil e ao se encontrarem com a religião católica foram incorporadas naturalmente, sem conflitos, e com a importância de igual para igual “num clima de fraterna compreensão recíproca” (NASCIMENTO, 1978, p.108). Porém, a relação não foi e não é igual, ocorrendo desde a chegada da população negra ao Brasil, forte perseguição as suas práticas religiosas (SANTOS, 2019).

Hoje, as Congadas e Língua dos Negros da Costa são manifestações sobreviventes das culturas africanas que sofreram influências do sincretismo, “[...] longe de resultar de troca livre e de opção aberta, o sincretismo católico-africano decorre da necessidade que o africano e seu descendente teve de proteger suas crenças religiosas contra as investidas destruidoras da sociedade dominante” (NASCIMENTO, 1978, p.108).

Essa foi a saída, pois “as religiões africanas efetivamente postas fora da lei pelo Brasil oficial, só puderam ser preservadas através do recurso da sincretização. O catolicismo, como a religião oficial do Estado, mantinha o monopólio da prática religiosa” (NASCIMENTO, 1978, p.108). Então, o motivo da junção de elementos católicos nos cultos africanos foi uma estratégia da população negra para manter no corpo, na língua, nos costumes tudo aquilo que as(os) ancestrais deixaram como legado vivo, um verdadeiro pedaço da África, do povo protegido por Xangô e pelos Orixás no Brasil.

Portanto, o povo da Tabatinga representa resistência, giro decolonial, a partir da língua dissidente, dos corpos dançantes, da religiosidade, e apresenta ao mundo que outra forma de viver é possível, em que vidas negras possam não só resistir, mas existir. Viva à Dona Fiota! Viva à Dona Tiana! Viva ao Quilombo dos Carrapatos!

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Raquel. *A filha de São Sebastião*. Documentário, Bom Despacho, MG: Caturra Digital Filmes, 2013. Disponível em <https://caturrabrasil.com/2012/08/15/a-filha-de-sao-sebastiao/>. Acesso em 10 jan. 2021.
- ANDRADE, Sandra Maria da; FERNANDES, Ana Carolina Araújo. *Eu sempre fui atrevida: alguns movimentos de uma filha de Xangô na luta quilombola*. In: DEALDINA, Selma dos (Org.). *Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas*. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra.2020.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, n.11, p.89-117, 2013.
- BRASILEIRO, J. *Nas congadas, os corpos falam, descolonizam e coexistem religiosamente com suas danças rituais*. In: BRONDANI, J. A., HADERCHPEK, R. C. e ALMEIDA, S. (Org.). *Práticas Decoloniais nas Artes em Cena*. São Paulo: Editora Giostri, p. 61-75, 2020.
- BERNARDINO-COSTA, J., et al. *Introdução Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. In: BERNARDINO-COSTA, J., MALDONADO-TORRES, N., e GROSGOUEL, R. (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 09-26, 2018.
- BERNARDINO-COSTA, J et al. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2 ed., 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BERTAGNOLLI, Gissele Leal. Da colonialidade à descolonialidade: diálogos de ciências a partir de uma “epistemologia do sul”- uma análise de comunidades quilombolas. *Revista Grifos*, v. 24, n. 38/39, p. 231-241, 2015.
- CARVALHO, J. J. de. Sobre o Notório Saber dos Mestres Tradicionais nas Instituições de Ensino Superior e de Pesquisa. *Cadernos de Inclusão*, Brasília, n. 8, p. 5-13, 2016.
- DEALDINA, Selma dos Santos. *Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas*. São Paulo, Jandaíra, 2020.
- FANON, Fanon. *Os Condenados da Terra*. Trad. de Serafim Ferreira. Lisboa: Ulisseia, 1965.
- FERNANDES, Ana Carolina Araújo. *Do fogo e da justiça: Sandra Maria da Silva Andrade, movimentos de uma filha de Xangô na luta quilombola*. 2017, 215 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) —Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- JALIF DE BERTRANOU, C. A.. FORNET-BETANCOURT, R.. *Hacia una filosofía intercultural latinoamericana*. Costa Rica, DEI., 1994. *CUYO*, v. 13, 1996.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2020.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos*. In: BERNARDINO-COSTA, J., MALDONADO-TORRES, N., e GROSGOUEL, R. (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 223-246, 2018.

GOMES, R. P. *A cultura jurídica antinegra sobre os territórios quilombolas nos discursos de soberania nacional e proteção socioambiental*. In: FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro; PIRES, Thula Rafaela de Oliveira (Orgs.). *Rebelião*. Brasília: Brado Negro, Nirema, 2020.

HARTMANN, Luciana *et al.* *Tradição e tradução de saberes performáticos nas universidades brasileiras*. *Repertório*, n. 33, p. 8-30, 2019.

KILOMBA, G;. *The Mask*. In: *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.

MBEMBE, A. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Editora Vozes, 2019.

MIGNOLO, W. D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Dossiê: *Literatura, língua e identidade*. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 34, p. 287-324, 2008.

NASCIMENTO, A. do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

QUEIROZ, S. *Pé preto no barro branco*. A língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte, UFMG, 1998.

QUEIROZ, S. *Pé preto no barro branco: A língua dos negros da Tabatinga* [online]. 2nd ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, p.149.

QUIJANO, A. *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Eduardo (Org.). *A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

REZENDE, T. F.; SILVA, D. M. *Desobediência linguística: por uma epistemologia liminar que rasure a normatividade da língua portuguesa*. Dossiê *Sociolinguística Brasileira: os olhares do Sul na desestabilização nos modelos herdados*. *Revista Porto das Letras*, v. 4, n. 1, p.174-202, 2018.

RESENDE, Ana Catarina Zema de. *Direitos e Autonomia Indígena no Brasil (1960 – 2010): uma análise histórica à luz da teoria do sistema-mundo e do pensamento decolonial*. 2014, 360p. Tese (Doutorado em História). —Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SANTOS, Walkyria Chagas da Silva. *Patrimônio Cultural Dos espaços Religiosos Afro-Brasileiros: Patrimônio Subalterno?*. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 5, p. 1-11, 2019.

SGOTI, S. de M. *A Comunicação Comunitária dos Quilombolas Carrapatos da Tabatinga: o diálogo como práxis da comunicação interpessoal e grupal*. São Bernardo do Campo, 2016,

p.121. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, 2016.

SILVA, D. M. da; REZENDE, T. F. Desobediência linguística: por uma epistemologia liminar que rasure a normatividade da língua portuguesa. *Porto das Letras*, v. 4, n. 1, p. 174-202, 2018.

SILVA, Sheila dos Santos. *Quem não tem eco, nem sabe que já deixou de existir: a experiência contracolonialista do Quilombo Carrapatos da Tabatinga*. 2020,240p. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Ouro Preto, 2020.

SOUZA, T. P. *Permanências Africanas no Congado Brasileiro*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Unesp/Araraquara, 2018.

Para La Lengua disidente y Los Cuerpos Danzantes: Resistencias De(s)Coloniales de Kilombo Dos Carrapatos

Resumen

El trabajo tiene como objetivo presentar un breve estudio sobre el encuentro de la cultura africana (principalmente Banto) con la brasileña y la influencia de la expresividad, la corporeidad y el lenguaje del Kilombo dos Carrapatos en la ciudad de Bom Despacho - MG. Así, con él objetivo de trazar una relación entre la colonialidad y el proceso de resistencia cultural de la comunidad durante aproximadamente 304 años en medio de la esclavitud y la subalternización. Se hablará como la lengua y las fiestas regionales (como el Congado) se han convertido en medios de resistencia efectiva de estas existencias. A partir de aquí se verificará cómo la lengua influye directamente en el proceso de identidad de esta comunidad y cómo la desobediencia lingüística debe ser vista como una manifestación social que contradice los prejuicios concebidos por la población de Bom Despacho.

Palabras Chaves: Congado, Gira Tabatinga; De(s)colonialidad; Kilombo; Minas Gerais

À travers le langage dissident et les corps dansants : Résistances dé(s)coloniales du Quilombo dos Carrapatos

La rencontre de la culture africaine (principalement bantoue) avec la culture brésilienne et l'influence de l'expressivité, de la corporalité et de la langue du Quilombo dos Carrapatos dans la ville de Bom Despacho - MG. Ainsi, afin de tracer une relation entre la dé(s)colonialité et le processus de résistance culturelle de la communauté pendant environ 304 ans au milieu de l'esclavage et de la subalternisation. Nous verrons comment la langue et les festivals régionaux (en particulier le congado) sont devenus des moyens de résistance efficace à ces existences. La méthodologie utilisée est qualitative, de type étude de cas et bibliographique. A partir de ce point, on vérifiera comment la langue a une influence directe dans le processus identitaire de cette communauté et comment la désobéissance linguistique doit être considérée comme une manifestation sociale qui va à l'encontre des préjugés conçus par la population de Bom Despacho.

Mots-clés : Congado, Gira da Tabatinga ; Dé(s)colonisation ; Quilombo ; Minas Gerais

Through the dissident Language and for Dancing Bodies: De(s)colonials Resistances of the Quilombo dos Carrapatos

Abstract

The paper aims to present a brief study on the meeting of African culture (mainly Banto) with the Brazilian and the influence of expressiveness, corporeality and the language of Quilombo dos Carrapatos of the city of Bom Despacho - MG. To the extent that the objective of tracing a relationship between colonialism and the process of cultural resistance of the community for approximately 304 years in the midst of slavery and subalternization. It will be presented as the language and the regional festivals (mainly the congado) have become means of affection of resistances of these stocks. From this point, it is verified how the language has a direct influence on the identity process of this community and how disobedience of linguistics should be seen as a social manifestation that contradicts the prejudices conceived by the population of Bom Despacho.

Keywords: Congado, Gira of Tabatinga; Decolonization; Quilombo; Minas Gerais